

**LANÇADOS AO MAR: ENEIAS E VASCO DA GAMA,
OS HERÓIS ULTRAMARINOS: UMA ANÁLISE
LINGUÍSTICA E HISTORIOGRÁFICA**

Stephanie Cunha dos Santos da Silva (UFF)

cunhastephanie@id.uff.br

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)

leonardoferriera@id.uff.br

RESUMO

A língua portuguesa e a língua latina ao longo de seu desenvolvimento no tempo passaram por processos de continuidades e de descontinuidades. De modo que, a análise das obras literárias de Virgílio e de Camões trazem em si alguns elementos que ajudar-nos-ão a perceber de que maneira não apenas os elementos linguísticos, mas fatores sociais e políticos corroboraram para que a “Eneida” e “Os Lusíadas” se tornassem verdadeiros cânones no que tange a educação e a cultura. O presente projeto visa analisar as estruturas de construção das sentenças nas referidas obras e fazer um estudo comparativo entre os autores, pontuando elementos historiográficos e linguísticos de aproximação e distanciamento entre eles. Para tanto, valer-se-á da metodologia proposta pela historiografia linguística e seus três princípios de contextualização, imanência e adequação.

Palavras-chave:

“Eneida”. “Os Lusíadas”. Historiografia Linguística

ABSTRACT

The Portuguese language and the Latin language, throughout their development over time, have gone through processes of continuities and discontinuities. So, the analysis of the literary works of Virgílio and Camões brings with it some elements that will help us to understand how not only the linguistic elements, but social and political factors corroborated for the “Aeneid” and the “Lusiads” to become true canons in terms of education and culture. The present project aims to analyze the construction structures of the sentences in the referred works and to make a comparative study between the authors, punctuating historiographical and linguistic elements of approximation and distance between them. To do so, it will use the methodology proposed by linguistic historiography and its three principles of contextualization, immanence and adequacy.

Keywords:

“Aeneid”. “Lusiads”. Linguistic Historiography.

1. *Introdução*

À primeira vista, a comparação entre a “Eneida”, de Virgílio, e “Os Lusíadas”, de Camões, parece algo exaustivamente trabalhado, contudo, ao lançar o olhar para o atual contexto português de intenso trânsito cultural, ampla variedade linguística e desenvolvimento, conjecturar a respeito de uma obra fundacional é primordial para se debater não apenas o que se idealizava por uma identidade portuguesa, mas o que ainda hoje é possível identificar. Deste modo, a presente pesquisa visa analisar os contextos em que as obras foram feitas e qual era o modelo identitário previsto em cada uma delas que fez com que tais obras se tornassem canônicas no escopo da educação latina, portuguesa.

Em um cenário de grande fluxo migratório, o qual Portugal está inserido, seja por questões econômicas ou políticas é inegável que o debate acerca da língua vem crescendo continuamente. Como uma ciência humana, a análise da língua não é desprezada dos estudos históricos, sociais, filosóficos e antropológicos. Desta forma, um linguista pode construir constantemente um trabalho multidisciplinar que o ajude a compreender melhor como que as relações entre ser humano e o social interferem em sua visão de mundo e na maneira em que constrói suas estruturas de comunicação.

Qual a relevância de falar sobre dois imigrantes importantes na literatura latina como Eeias, que fugido da guerra de Troia imigra ao Lácio e funda o que se tornaria Roma, e Vasco da Gama, que se lança a mar a fim de descobrir novas terras? São a essas perguntas que o presente trabalho visa conjecturar a respeito. Para alcançar os objetivos propostos a metodologia aplicada será a proposta por Pierre Swiggers e Konrad Koerner.

A Historiografia Linguística é um campo de pesquisa científica desenvolvida por Konrad Koerner (1996) e Pierre Swiggers (2012) que articula duas áreas de conhecimento: História e Linguística. Ao discorrer sobre esta área de estudos interdisciplinar, Koerner (2014) a conceitua como “uma investigação metodologicamente informada e a apresentação de acontecimentos passados na evolução da disciplina designada de ‘lingüística’ ou ‘ciências da linguagem’” (KOERNER, 2014, p. 17). De modo que, enquanto um investigador, o historiógrafo desenvolve sua pesquisa firmados em três princípios fundamentais: o princípio da contextualização, o da imanência e o princípio da adequação.

A contextualização se apresenta como o estágio inicial da pesquisa, onde se é estabelecido o clima de opinião geral no período em que o documento em questão foi produzido (Cf. LIMA, 2016). Em outras palavras, é quando se olha para além do texto, e põe em estudo o contexto da obra a fim de ter um entendimento dos agravantes sociais, culturais, filosóficos e políticos que podem ter implicado na produção da fonte. Já a imanência é quando o olhar do pesquisador se volta para o documento e ele se envolve com o clima de opinião da época se afastando, assim, de seu quadro de formação na linguística moderna a fim de respeitar a terminologia usada no recorte temporal em questão (Cf. LIMA, 2016).

A adequação se constitui como a etapa final da pesquisa no campo da historiografia linguística, sendo o momento em que o pesquisador busca ter uma compreensão total, articulando o clima de opinião, as terminologias do período analisado os conceitos atuais da linguística a fim de construir um conhecimento a respeito do documento pesquisado que contribua para o meio científico. Tendo em vista esta investigação, o historiógrafo se apresenta como um “observador”, um “leitor crítico” e um “intérprete” do evolucionário curso do conhecimento linguístico (Cf. SWIGGER, 2012).

2. *Virgílio e Camões: entre impérios*

Virgílio e Camões foram autores que criaram obras de imenso relevo para o pensamento linguístico se tornando verdadeiros cânones no ensino do latim e do português. Para entender quais são os pontos de aproximação e distanciamento entre seus escritos é necessário primeiro entender qual era o clima de opinião da época de cada um deles. Ambos viveram contextos de grandes mudanças no quadro social, em Roma oriunda da transição do modelo político de República para Principado, e em Portugal pela grande notoriedade que os portugueses conquistaram com as navegações, expandindo seus mercados e domínios.

Publius Virgílio Maro foi um cidadão romano que viveu entre 70 e 19 a.C. Ele ganha importância como um dos principais dramaturgos de Roma e tem por principal obra a Eneida. Muitas são as interpretações que são dadas a obra de Virgílio, sendo por vezes lida como um poema em glória ao Principado de Augusto, e em outros momentos como um escrito contrário a tal governo (Cf. PEREIRA, 2012). O autor viveu os primeiros anos do Império Romano que se iniciaram após o assassinato de Júlio César e a polarização política gerada pelo segundo Triunvirato composto

por Marco Antonio, Otávio e Lépido (Cf. GRIMAL, 1992). A respeito do contexto de Virgílio, Fernanda Meira (2013) aponta que:

Nesse período a sociedade romana estava dividida naqueles que apoiavam Marco Antonio ou aqueles que apoiavam Otávio, sem comentar o fim da república e o início do império. É nesse contexto que Virgílio que foi um dos grandes pregadores dos ideais morais do imperador, ajudou na construção da idéia do império, através da interação entre a filosofia e a Política romana. Para Virgílio, Otávio era o herdeiro de César e seria através dele que Roma retomaria a felicidade e a prosperidade. (MEIRA, 2013, p. 906)

Assim, o clima de opinião da época era movido por uma grande tensão política, um período de grandes mudanças e instabilidade do nascimento de um novo modelo político inaugurado por Augusto. Do ponto de vista cultural, uma obra que legitimasse o Principado e trouxesse uma nova identidade Romana se mostrava crucial. Deste modo a obra de Virgílio, ao partir de Eneias e a queda de Tróia marcava não apenas a fundação da cidade no Lácio, mas também a herança troiana que politicamente era para o Principado favorável. A respeito disto, Thiago Pires (2016) aponta que: “Segundo Virgílio, Roma desde sua gênese foi o povo escolhido por Júpiter para exercer uma dominação sem limites espaciais e temporais. Caberá aos futuros romanos, “os senhores do mundo”, instaurar aos povos as leis e a justiça” (PIRES, 2016, p. 33). Deste modo, Roma se estabelecia como um império sem fronteiras, um império multicultural.

Camões por sua vez, vive em contexto de grande expansão marítima portuguesa decorrente das grandes navegações e de Renascimento cultural. Muitos autores especulam a respeito das origens do poeta Luís Vaz de Camões, acredita-se que tenha nascido entre os anos de 1524 e 1525, de origem pobre, aos 12 anos foi ter a Coimbra para dar andamento aos estudos, lá teve contato com obras de autores como Plutarco, Cícero e Virgílio (Cf. MINCHILLO, 2001). Retorna a Lisboa adolescente e se mantém bem próximo da nobreza, passando a frequentar assim alguns saraus da Corte de Dom João III, teve uma vida bem boêmia e lutou por dois anos em Ceuta onde se feriu gravemente perdendo assim um dos olhos (Cf. MINCHILLO, 2001).

Durante o período deste poeta português a Europa vivia no âmbito cultural o que ficou conhecido como Renascimento. A respeito deste movimento, Abraão Pustrelo Damião (2018) afirma que:

Em termos analíticos, é preciso que o leitor se atente a dois pontos fundamentais da exposição que segue: há uma congruência de fatores culturais e epistemológicos que soam conflitantes durante o início da moderni-

dade; ao mesmo tempo em que as práticas científicas se tornaram mais experimentais e o método quantitativo e causal foi empregado por diversos estudiosos, o racionalismo dedutivo descartiano emergiu, sob bases mecânicas, para lançar os alicerces do sujeito cognoscente moderno. Isto foi possível porque uma das premissas mais defendidas pelos historiadores da ciência, e corroborada por autores de outras áreas, é falsa: o Renascimento não marcou uma ruptura inconciliável entre ciência e religião, uma não se tornou o oposto da outra em termos epistemológicos, como o reducionismo historiográfico da modernidade positiva assumiu; pelo contrário, durante a renascença, ciência e religião caminharam lado a lado, inclusive esta foi fundamental para o desenvolvimento daquela durante os séculos da modernidade. (DAMIÃO, 2018, p. 22-3)

Para além das grandes transformações na mentalidade europeia, o século XVI foi marcado também por intensas mudanças políticas e econômicas. Durante os séculos XIV e XV grande parte da Europa sofreu uma baixa demográfica decorrente da peste negra; vivenciou um conflito extenso que foi a Guerra dos Cem Anos (os principais envolvidos foram os reinos da França e da Inglaterra); presenciou a “Queda de Bizâncio”; passou por uma centralização monárquica; conviveu com o confronto entre o Papado e as monarquias locais; e viveu uma profunda crise do modelo feudal. Apesar de existir vários fatores que indicam que houve uma crise não se pode generalizar. Essa crise não ocorreu de forma igual na Europa e na Península Ibérica. A Europa não pode ser estudada como uma extensão da França.

A decadência do abastecimento de trigo do século XV faz com que a Europa entre em crise, mas para os Reinos ibéricos só serviu como um “pontapé” para se lançarem na empreitada marítima já que a formação precoce dos reinos Ibéricos permitiu que eles tivessem capital humano e material suficiente para tanto. No caso de Portugal a “carência de cereais, esporádica desde Afonso III, endêmica desde o final de Trezentos” (GODINHO, 1943, p. 84) teria sido uma das justificativas para a empreitada do Infante D. Henrique. Em Teses de História da Expansão Godinho dedica algumas páginas a desmistificar algumas abordagens desse período como a de Bensaúde que atribui a expansão marítima ao espírito cruzadístico do Infante D. Henrique. Para o historiador português “os grandes movimentos históricos não resultam, não são determinados pela acção das grandes personagens, (...) as transformações sociais encadeiam-se objetivamente umas nas outras, a explicação de uma transformação social reside noutra transformação social” (GODINHO, 1943, p. 72).

Deste modo, o que justifica o pioneirismo português na empreitada marítima foram os recursos necessários para financiar as embarca-

ções, conhecimentos náuticos extremamente sofisticados, embarcações leves e propícias para tal modalidade e também o fato de não estarem envolvidos em nenhum conflito externo e interno como era o caso da França e da Inglaterra. Portugal se lança ao mar e uma nova era se inicia: a era dos impérios ultramarinos. Ao trabalhar sobre o contexto da obra de “Os Lusíadas”, Bernardes (1999) afirma que:

Sob um ponto de vista social e histórico-literário, Os Lusíadas constituem, sem dúvida, uma resposta a um horizonte de expectativas que integra duas vertentes: uma de carácter cívico e outra de carácter estético. De facto, no contexto da cultura portuguesa do último terço de Quinhentos claramente marcado pelo deperecimento da aura do Império, o apelo à revitalização de um ideal heroico de Pátria impunha-se, antes de mais, como, o imperativo de ordem cívica e política; sob o ponto de vista literário, como a epopeia de Camões representa o ponto de chegada de um longo processo feito de constantes apelos de poetas a outros poetas para que se realizasse em Língua Portuguesa o género literário considerado máximo (Figueiredo, 1950). (BERNARDES, 1999, p. 377)

Assim, os textos de Camões estão localizados naquilo que se pode chamar de cânon da literatura em língua portuguesa, sendo usada não apenas na educação da língua, mas também para conceber o que é a cultura portuguesa. Camões ao falar de Vasco da Gama ilustra aquilo que acreditava ser o ideal de um homem português: um explorador que busca através de seu percurso para longe de sua terra estabelecer novos domínios sob a fé cristã e a Coroa portuguesa.

2.1. “Eneida”: uma tradução filológica

A obra de Virgílio é composta por doze cantos, totalizando um número de 9895 versos (Cf. ROSARIO, 2008). Poesia de estilo épico tem por temática as aventuras de Eneias, herói troiano que sobrevive a devastadora Guerra de Troia relatada na *Ilíada*. A “Eneida” é justamente as aventuras e desventuras fantásticas do herói até sua chegada à Itália onde fundaria na terra do Lácio uma cidade denominada Lavínio, local onde futuramente seria designado como a capital de Roma.

A respeito da elaboração da “Eneida”, Virgínia Pereira (2012) aponta que:

Nunca o saberemos. Aventam uns a hipótese de que Virgílio, poeta de formação clássica e tendência helenística, não estava satisfeito com a qualidade artística do poema, tanto mais que a revisão final não fora feita. Além de deixar inacabados alguns versos, queria verificar a exactidão de certas referências geográficas, pelo que empreendeu uma viagem à Grécia e ao Oriente com esse objectivo, mas foi

surpreendido pela doença e já não pôde levar a bom termo o seu propósito. Outros estudiosos, porém, entendem que o poeta, que pretendia celebrar o principado de Augusto, ficou desgostoso com o rumo que a política augustana seguia, caracterizada por ambiguidades suspeitas (do gosto do poder absoluto à ficção de despreendimento pelo poder, da clementia para com os vencidos à falta dela, por exemplo)¹ e por esse motivo quis destruir o poema pelo fogo. (PEREIRA, 2012, p. 2)

Assim como a “*Ilíada*” e a “*Odisseia*”, por se tratar de um texto do gênero épico, a “*Eneida*” também mostra o que seriam os valores esperados de um herói, bem como a intervenção dos deuses em seu destino constituindo assim dois planos: o mortal e o divino. Existe um debate a respeito de até que ponto o autor romano foi influenciado pelas épicas gregas, para este debate Grizoste (2011) acrescenta:

Pelo lado épico, Virgílio celebra a glória e a honra dos romanos; mas pelo lado trágico celebra, com lágrimas, os fatigados momentos que os precursores da nação romana se viram obrigados a enfrentar. O modelo antiépico de Virgílio pauta-se por esta premissa: todo o grande personagem virgiliano é uma união de contrários; no caso de Eneias, nota-se claramente que o herói cai primeiro para adquirir grandeza na queda e, seguindo a ideia de Kothe, quanto maior a desgraça que sobrevier, maior será a grandeza. A desgraça de Eneias não é um mero lamento lacrimoso, mas um duro caminho na aprendizagem da condição humana, transcendendo a doutrinação que lhe é inerente. (GRIZOSTE, 2011, p. 17-18)

Para desenvolver a tradução do fragmento selecionado a metodologia escolhida será a proposta pela filologia, de modo a preservar as estruturas gramáticas presentes no texto em latim e desenvolver uma tradução que se aproxime sintaticamente do texto original.

Para tanto a primeira etapa é localizar os verbos na frase, marcar quais são as declinações dos substantivos e sua função sintática na frase para que assim ao passar para a língua portuguesa se possa adicionar preposições, conjunções e artigos quando necessário.

Tabela 1.

Virgílio, “Eneida”, Canto I:	Tradução:
Arma virumque canō ,/ Trōiae quī p̄rimus ab ōrīs Ītaliā, fātō profugus, Lāvīniaque vēnit lītora./ multum ille et terrīs iactātus et altō vī superum saevae memorem Iūnōnis ob īram;/ multa quoque et bellō passus, dum con- deret urbem, inferretque deōs Latiō, genus unde Latīnum, Albānique patrēs, atque altae moenia Rōmae.	Canto as armas e ao homem que, devido ao destino fugiu de Troia para Itália, e as praias de Lavinia primeiro veio. Mui- tas vezes ele foi jogado em terra e alto mar pelo poder superior de Juno, e sua memorável raiva. Muito também em guerra sofreu, até fundar a cidade e tra- zer os deuses ao Lácio, donde se origina o povo latino, os pais albaneses, e os al- tos muros de Roma.

2.2. Textos em análise:

Ao analisar a obra de Camões é possível observar uma grande semelhança com a obra de Virgílio, para além dos termos de navegação, temas mitológicos, personagens com aspectos idealísticos e o caráter fundacional que é característico das epopeias ainda é possível estabelecer aproximações estruturais como os fragmentos a seguir (Tabela 2).

Camões inicia sua obra com uma proposição muito semelhante à de Virgílio, diferindo, porém, na escolha do sujeito de seu verso inicial. Enquanto Virgílio inicia com “(eu) canto” estabelece assim o eu-lírico como sujeito, Camões inicia “As Armas e os heróis assinalados” destacando logo em suas primeiras linhas os heróis a quem canta ao longo da obra.

Tabela 2.

“Eneida”, Canto 1	“Os Lusíadas”, Canto 1
Canto as armas e ao homem que, devido ao destino fugiu de Troia para Itália, e as praias de Lavinia primeiro veio. Muitas vezes ele foi jogado em terra e alto mar pelo poder superior de Juno, e sua memorável raiva. Muito também em guerra sofreu, até fundar a cidade e trazer os deuses ao Lácio, donde se origina o povo latino, os pais albaneses, e os altos muros de Roma.	As armas e os Barões assinalados Que da Ocidental praia Lusitana Por mares nunca de antes navegados Passaram ainda além da Taprobana, Em perigos e guerras esforçados Mais do que prometia a força huma- na, E entre gente remota edificaram Novo Reino, que tanto sublimaram.

Ao falar sobre as obras, Miguel Mangini (2020) afirma que existe uma relação de imitatio (“imitação”) e emulatio (“emulação”). Segundo o autor, a existência de uma forte influência da obra de Virgílio é propostada e em muito explicada pelos princípios renascentistas, Mangini aponta (2020):

Para os teóricos e artistas do Renascimento, o valor de uma obra poética não está na sua originalidade (palavra, aliás, anacrônica para aquele tempo) livre do jugo dos preceitos antigos, quanto mais na sua rebeldia contra a tradição, senão justamente na filiação com modelos, concebida formalmente como norma geral da criação poética. Esse comprometimento com os clássicos é organizado por um sistema de preceitos formais, os quais vêm a ser herdados das poéticas de Aristóteles e Horácio (SPINA, 1967, p. 57-9), na medida em que estas preceituam com base na poesia dos modelos clássicos e são pertencentes à tradição a ser seguida; o seguimento renascentista desses preceitos, contudo, não ficou isento de alguma adaptação à realidade da Europa pós-Idade Média. No interior do preceituário herdado pelos Renascentistas, haverá nuances de sentido que permitam um aprofundamento do conceito de imitatio, que, quando oposto a outros conceitos do mesmo campo semântico, como *æmulatio* [“emulação”], pode ser mais bem definido num uso técnico, para além da simples “presença do passado na atualidade literária” que comenta Spina (2010, p. 14). Inicialmente, dir-se-ia que o conceito de imitatio descreve um aproveitamento de fontes que gera sentidos novos a partir do uso “criativo” das obras compulsadas. Em outras palavras, imitar é fazer como os modelos fizeram, mas integrando as fontes na nova obra, de modo que surjam significados os quais, sem aquelas fontes aproveitadas, não existiriam. Vasconcellos (2001, p. 24) lembra as acusações de plágio que Virgílio sofreu por suas referências a Homero, e diz o latinista que são, a rigor, infundadas, dado que os casos de imitação da Eneida não constituem mera listagem de fontes ou plágio de outros poetas, mas fazem parte da estrutura significativa dela. (MANGINI, 2020, p. 11-12)

A emulação por outro lado, que se caracterizaria como um processo de natureza poética e retórica onde o eu-lírico referenciará outras obras com o objetivo de criar um ambiente de competição (Cf. MANGINI, 2020). Este aspecto fica claro mais à frente na obra onde Camões na terceira estrofe afirma:

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cessem tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta

Neste segmento, é perceptível a referência aos escritos antigos ao citar o “sábio Grego”, referindo-se a Ulisses, mas se referindo também a

Roma ao citar o imperador Trajano. Camões traz ainda a referência dos deuses da cosmologia romana Neptuno e Marte e objetiva demonstrar a excepcionalidade portuguesa com as navegações ao conseguirem realizar um empreendimento que nunca antes havia sido feito por nenhum outro povo. É possível identificar traços do renascimento na maneira em que Camões desenvolve seu texto, trazendo o foco para o homem e como que mesmo em frente as desventuras, com seu engenho supera as adversidades com astúcia. Mas, como salienta Bernardes, o foco de “Os Lusíadas” não é em um homem específico, é naquilo que seria o povo português, o pesquisador afirma:

Tendo em consideração que Os Lusíadas não representam a consagração de um herói individual concreto e que, mesmo no plano colectivo, as dúvidas e as reservas marcam uma presença muito assídua (sobretudo quando se trata de ouvir directamente a voz do autor implícito), a crítica sublinhou sempre, desde Faria e Sousa, a especificidade do herói camoniano, distanciando-o dos modelos da épica greco-latina e renascentista (sobretudo da italiana). Como se, depois de ter desenhado com exigência um quadro virtual de heroísmo, o autor se visse confrontado com a impossibilidade de nele inserir qualquer uma das figuras lusitanas de que se vai ocupando (Lourenço, 1983, a). Nem mesmo Vasco da Gama, o comandante da expedição que desvenda o caminho marítimo para a Índia, parece conformar-se plenamente com o estatuto de herói, uma vez que, apesar da coragem, lhe faltam os atributos de índole cultural e artística que ilustram César, Alexandre e outros heróis da Antiguidade (V, 95-100) (BERNARDES, 1999, p. 379)

Contudo, e imprescindível ainda pontuar que, como Mangini (2020) diz, existe um esforço por parte de Camões em sua narrativa de estabelecer a noção do que é verdadeiro e do que é falso, dado a mentalidade de sua época a verdade em sua concepção é a cristã, assim:

O seu narrador exhibe um esforço de caracterizar os fatos que narra como verdadeiros, segundo a verdade do discurso cristão, e a partir disso ostenta os feitos dos portugueses e o Deus a orientá-los em contraste com aquilo que julga falso, contado outrora por poetas que teriam, então, mentido. Com olhar crítico, resta dizer que não caberá investigar se Virgílio ou Camões possuem verdade no que falam, tanto mais porque estes são poetas, e o hábito dos poetas é cultivar a verossimilhança (a mentira). (Cf. MANGINI, 2020, p. 16)

A “Eneida”, por outro lado tinha um esforço de estabelecer uma relação passado presente não para reforçar a excepcionalidade de Roma apenas, mas para legitimar seus domínios e lideranças frente as demais sociedades da época. No trecho “Muito também em guerra sofreu, até fundar a cidade e trazer os deuses ao Lácio, donde se origina o povo lati-

no, os pais albaneses, e os altos muros de Roma” onde Virgílio escreve a proposição da obra ele aponta que um dos objetivos é falar sobre os caminhos que percorreu Eneias de Troia até fundar a cidade que originaria Roma. O presente na “Eneida” aparece como uma previsão feita pelos deuses da vindoura glória que Roma ostentaria.

Em “Os Lusíadas” o presente já aparece sistematicamente representado “que se centra num passado mitificado (o da história de Portugal e o da primeira viagem marítima ao Oriente) e num futuro que se deseja refundador e resgatante: o futuro da Fé e do Império, projectado na terra de Marrocos, prometida a D. Sebastião e ao peito ilustre lusitano» nas últimas estâncias, como espaço de plena imortalização e bem-aventurança. (Cf. BERNARDES, 1999, p. 377).

2.3. A Sintaxe das obras

No que tange a linguística, para se realizar uma análise comparativa entre as obras é necessário antes de mais estabelecer qual das grandes áreas da gramática vai receber maior enfoque. No caso da presente pesquisa optou-se por estabelecer uma investigação sintática entre os primeiros versos de Virgílio e de Camões afim de perceber de que maneira concebiam a língua e construam as sentenças para que possamos destarte traçar de que forma o latim e o português se relacionam.

O professor Ernesto Faria (1958) em seu capítulo a respeito da sintaxe do latim afirma que: sintaxe é a parte da gramática que estuda os processos pelos quais as palavras das frases estão ligadas umas às outras de sorte a exprimirem as relações estabelecidas entre as noções (Cf. FARIAS, 1958, p. 291). A conceituação de Faria, muito próxima é da proposta por Bechara (2009) que diz que a sintaxe é o “estudo das combinações materiais ou funções sintáticas” (BECHARA, 2009, p. 39). Investigar a maneira como as palavras se combinam nas sentenças e sua função, pressupõe compreender quais são os elementos que compõem as orações latinas e as orações em língua portuguesa.

Na oração “*Arma virumque canō*” em destaque temos o verbo “*canto*”, conjugado na primeira pessoa do singular no presente do indicativo. As palavras “*Arma*” substantivo de segunda declinação que está no caso nominativo plural. Temos ainda “*virumque*” que é a conjugação de um substantivo e uma conjunção, assim há “*virum*” substantivo no acusativo singular da segunda declinação e “*que*” conjunção que liga a primeira oração com a que vem logo em seguir. Deste modo ao traduzir para a

língua portuguesa, a fim de manter esta estrutura sintática a proposição ficou “Canto as armas e ao herói, que”, sendo adicionado o artigo “as” antes de “armas” e “ao” antecedendo o objeto “herói”.

Em Camões por outro lado, temos uma construção que à primeira vista parece exatamente a mesma “As armas e os Barões assinalados”, mas ao analisar vemos escolhas estilísticas diferentes. O autor inicia a obra com “as” artigo feminino definido plural que concorda em gênero e número com o substantivo feminino plural “armas”, em seguida se tem o artigo masculino definido plural “os” que também concorda em gênero e número com o substantivo masculino plural “barões”. Enquanto, que em Virgílio o verbo da primeira oração aparece no presente do indicativo, em Camões o verbo se apresenta no particípio passado. O verbo “assinalados” se refere aos barões e no contexto denota notoriedade, destaque.

Na “Eneida”, a oração em análise tem por sujeito o eu-lírico “(eu) canto”, já em “Os Lusíadas” o sujeito é composto “armas e barões”. Esta pequena diferença na escolha dos sujeitos revela uma diferença estilística entre os autores que muito se explica pela intencionalidade que possuíam com seus escritos e das referências literárias que possuíam. Sobre este tópico Miguel Mangini afirma:

É cabível dizer, então, que, no início do poema de Camões, instituiu-se uma contenda indeterminada com “tudo” o que é cantado pela Musa antiga e determinada com as obras a que pertencem Ulisses e Eneias – essa contenda vem a ser reiterada ao longo do poema com ênfase na obra que é o modelo axial da epopeia de Camões, a Eneida. Não se trata, é claro, de rebelar-se e negar a influência do mantuano; na verdade, a disputa não acontece sem uma certa reverência ao emulado. Para dizer em outras palavras, não haveria competição com um poeta menor, sem fama, engenho ou arte. É patente na leitura d’Os Lusíadas que, mesmo havendo competitividade com a Eneida, o poema latino é uma espécie de gabarito de composição do português. O aproveitamento das fontes da Eneida é profuso, desde a estrutura e os tópoi (a narrativa in medias res [“para o meio dos assuntos/das coisas”], o relato dos acontecimentos progressos, a viagem marítima, a deusa protetora do protagonista ser Vênus etc.) até as menções diretas a Eneias e Virgílio. (MANGINI, 2020, p. 15)

O português camoniano é ainda um português “arcaizado”, lê-se por arcaico não completamente gramatizado e normatizado, de modo que suas estruturas, preferências e construções buscam referências em textos clássicos, mas trazem em si também um caráter inovador que colaboraram para que seus escritos se consagassem como cânon da literatura portuguesa. Como um autor do renascimento, seu resgate a Antiguidade clássica não se faz sem o apelo a criação de algo novo (Cf. MANGINI, 2020).

3. Conclusão:

Virgílio e Camões eram autores de seus respectivos tempos e descrevem dentro de sua compreensão o ideal de ator político e social na nossa sociedade. Seus protagonistas são imigrantes exploradores que por motivações diversas tiveram de sair de suas terras em uma nova jornada que os leva a fundar um novo “Império”.

A sociedade que descrevem é para além das fronteiras de uma cidade. Independentemente de qual seja a tradição adotada, fato é que a “Eneida” ia muito além que uma obra literária na sociedade romana, funcionava como um texto que era ao mesmo tempo sagrado e político. Um mito fundacional objetiva buscar na narrativa mitológica uma explicação para existência da sociedade em questão, uma projeção no passado de como se enxergavam. No caso romano, as lendas demonstram primeiramente que “a identidade do povo romano provém da mistura de vários grupos étnicos; depois, que a cultura romana é produto de várias influências estrangeiras” (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 35).

Eneias detinha em si todas as características tidas como sublimemente romanas como uma obrigação moral para com os seus, *pietas* (pais, filhos, parentes, e também a *fides* que era uma espécie de comprometimento com a observância de um pacto bem firme (Cf. ROSARIO, 2008). A lealdade aos laços de parentesco e a política era para os romanos, como afirma Maria Helena da Rocha Pereira, “uma obrigação suprema que por vezes impunha vinganças inexoráveis, a fim de cumprir a justiça” (*Apud* ROSÁRIO, 2008; BERNINI, 2008, p. 988).

De mesmo modo Vasco da Gama que liderava as navegações possuía segundo Camões imensa distinção, sendo o que se esperava de um bom português como a coragem a astúcia e a fé cristã. Há ainda nos escritos de Camões um claro traço do homem renascentista que para além da admiração a Antiguidade Clássica, busca neste resgate exaltar o homem moderno. Em toda a sua narrativa, Os Lusíadas tenta demonstrar que as realizações de Vasco da Gama são superiores aos feitos de todos os heróis antigos. Tanto Eneias como Vasco da Gama se configuram como imigrantes que levam consigo os princípios de seu povo e que representam pluralidade e identidade ao mesmo tempo. Em uma sociedade global como a contemporânea, ler autores que estão na base da formação da língua portuguesa se apresenta como um ato de conhecer não apenas suas narrativas, mas o que se pode hoje aprender sobre a língua, nossa cultura e identidade.

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRÉ, Carlos Ascenso – Latim II [Em linha]: língua e cultura: “A Eneida” de Virgílio. Realização de Rosário Melo; Tecnólogo Jorge Tristão. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. 1 prog. vídeo (15 min., 00 seg.)

BERNARDES, José Augusto Cardoso. *Humanismo e renascentismo*. Lisboa: Verbo, 1999

BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de. *História de Roma*. Vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 1524–1580 Lira, Manuel de, fl. 1579-1609, impr., Lopes, Estêvão, fl. 159-160-, ed. com.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior de língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria. Acadêmica, 1958.

FELIPE, C. V. DO A. Os lusíadas, de Camões, e a História trágico-marítima: por uma poética do bem comum. *Tempo*, v. 26, n. 3, p. 500-21, set. 2020.

FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de português-latim*. Porto: Porto, imp. 1995.

FERREIRA, Dina Maria Martins. Identidade em lusofonia: territorialidade e pertença. *Diacrítica*, v. 28, n. 1, p. 243-52, Braga, 2014. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672014000100010&lng=pt&nrm=iss. Acessos em 21 jun. 2023.

FREITAS, Horácio Rolim. *Influências horacianas e virgilianas em Os Lusíadas*. <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/3/083.pdf>.

FONTANARI, R. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. *Galaxia (Online)*, n. 31, p. 144-55, São Paulo, abr. 2016.

GODINHO, V. M. *Dúvidas e problemas à cerca de algumas teses da história da expansão*. Lisboa: Edições Gazeta de Filosofia, 1943.

GRIMAL, Pierre. *Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GRIZOSTE, Weberson Fernandes. *A dimensão anti-épica de Virgílio e o indianismo de Gonçalves Dias*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Impensada Universidade de Coimbra. 2011.

KOERNER, E. F. Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, Florianópolis, ANPOLL, 1996.

_____. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Braga: Publito, Estúdio de Artes Gráficas, 2014.

MANGINI, M. Ângelo A. A Aemulatio da Eneida n'Os Lusíadas. *Phaos: Revista de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 21, n. 00, p. e021007, 2021. DOI: 10.20396/phaos.v21i00.15782. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/15782>. Acesso em: 21 jun. 2023.

MEIRA, Fernanda Amaral. *Virgílio e a construção de Império Romano*. Colóquio de História-UNICAP. 2013.

MINCHILLO, Carlos Cortez. Biografia. In: CAMÕES, L.V. de. *Sonetos*. Cotia-SP: Atelie, 2001.

MORGANTI, Bianca. *A mitologia n'Os lusíadas: balanço histórico-crítico*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

PEREIRA, Virgínia. *Para o bem de Roma: Creúsa e Lavínia na Eneida*. Universidade do Minho, 2012 Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24870>. Acesso: 17 ago 2023

PIRES, Thiago. *A construção moral do herói Enéias*. Dossiê História e Gênero, 2016

ROSARIO, Nilcileia da Silva Entre a Literatura e a Arte: o mito da fundação de Roma no olhar de Virgílio e Benini. In: IV ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH / UNICAMP 2008.

SWIGGERS, Pierre. Linguistic historiography: object, methodolgy, modelization. *Todas as letras*, v. 14, n. 1, 2012.

TREVIZAM, Matheus. Dois temas clássicos em Virgílio e no canto VI d'Os Lusíadas de Camões. *SCRIPTA*, v. 17, n. 33, p. 13-32, Belo Horizonte, 2º sem. 2013.